

O livro *Paranoia et théorie de la séduction généralisée* de Luiz Carlos Tarelho foi publicado na coleção *Voix Nouvelles en Psychanalyse* da Editora Presses Universitaires de France em 1999.

É um trabalho sobre a paranóia, tomando como ponto de referência a discussão do texto de Freud sobre *As Memórias de Schreber* e reavaliando toda uma tradição de estudos deste caso iniciada pela reflexão freudiana de 1910. O livro é a publicação de uma tese de doutorado, defendida na Universidade Denis Diderot, Paris VII, sob orientação de Jacques André.

O autor valoriza a tradição iniciada por Lacan, de colocar a questão do desejo do outro como central na constituição da subjetividade. Partindo da importância conferida por Freud à sexualidade, na etiologia da paranóia, e considerando que a sexualidade inconsciente dos pais é transmitida à criança através da sedução originária, Tarelho defende a idéia de que "na origem e no coração mesmo da paranóia há um confronto com uma sexualidade de origem estrangeira, que deveria ter sido integrada pelo sujeito, mas que não pôde sê-lo" (p. 5), colocando-se assim, fundamentalmente, na perspectiva de Laplanche.

Apesar da teoria da sedução generalizada ter sido construída a partir do estudo das neuroses, Laplanche já havia aberto um caminho para pensar as psicoses, o que foi então amplamente explorado pelo autor. Trata-se da *intromissão* de significantes parentais no eu-corpo da criança, um processo de inscrição violento que não lhe permite entrar em um dinamismo simbolizador por parte da criança. Laplanche afirma que nestes casos, a dimensão *tradutivo/recalcante* fica perturbada como decorrência da in-

Ingerência paterna e passividade radical: o caso Schreber à luz da teoria da sedução generalizada

Resenha de Luiz Carlos Tarelho, *Paranoia et théorie de la séduction généralisée*, Paris, PUF, 1999, 327 p.

tromissão violenta de significantes que serão responsáveis pela formação de *enclaves psicóticos*.

O livro de Tarelho se divide em três partes, das quais a primeira, organizada em três capítulos, se dedica a acompanhar as vicissitudes do percurso freudiano ao investigar a paranóia e o narcisismo. Faz, nestas páginas, a revisão das mais antigas teorias freudianas da paranóia e da sedução e relata a descoberta da relação entre homossexualismo e paranóia, partilhada por Freud, Abraham e Jung, através de suas cartas.

No segundo capítulo, inteiramente dedicado ao *Schreber* de Freud, o autor faz uma análise crítica da idéia freudiana da homossexualidade como fator desencadeante da paranóia, levantando novas hipóteses a partir da análise da relação entre o paciente e seu médico, Flechsig. Aqui o leitor começa a sentir o trabalho de um pensamento que está sendo construído a partir de e à margem das explicações freudianas:

"(...) nós podemos sonhar com a reedição de uma relação originária de sedução marcada por uma forte ingerência e por um sentimento de total impotência diante de tal ingerência" (p. 43). Neste caso, seria preciso reavaliar se as fantasias que desencadearam a crise de Schreber são exatamente homossexuais ou se não podem

estar relacionadas "com um estado de total impotência em face do transbordamento pulsional" (p. 42) que poderíamos também chamar de um estado de passividade originária.

Partindo então do modelo freudiano de um recalçamento que opera a retirada do investimento libidinal das pessoas amadas e da presença da projeção como outro mecanismo de defesa da paranóia, o autor mostra, com toda a precisão, a grande dificuldade e os impasses de Freud para pensar a psicose usando os modelos oriundos das neuroses. E embora, para Freud, seja a homossexualidade o aspecto inconciliável e inassimilável que deve ser suprimido por uma forma radical de recalçamento que caracteriza para ele a paranóia, Tarelho não deixa de insistir na hipótese central que orienta o seu trabalho:

"Isto (que precisa ser tão drasticamente recalçado) pode ser a homossexualidade, mas também qualquer coisa mais originária e mais desestruturante, como os desejos passivos com relação às imagens parentais devoradoras" (p. 52).

No terceiro capítulo desta primeira parte, o autor faz uma longa incursão pelos escritos freudianos que sucedem a publicação do caso Schreber. Fala da nova perspectiva aberta com o *Para introduzir o narcisismo*: se o Eu não está dado desde o princípio, mas se constitui através de uma nova operação psi-

quica, então abre-se a participação da sexualidade do outro no processo de constituição do Eu. Tal possibilidade acaba se fechando por volta de 1924, época na qual a psicose será vista por Freud como resultante de um conflito dessexualizado entre o Eu e a realidade e o narcisismo primário adquire um caráter quase embrionário, fechando o espaço para a participação do outro nesta constituição. Neste momento são muito bem discutidas as limitações decorrentes de pensar a psicose segundo o modelo do sonho e são apresentadas as hipóteses de Federn, um dos primeiros a criticar a abordagem da psicose como perturbação na relação com a realidade, tal como proposta por Freud em 1924. Para esta última tarefa, o autor recorre à tese de Melo Carvalho, *Paul Federn – une autre voie pour la théorie du moi!*.

A segunda parte do livro é dedicada às teorias de Lacan e Laplanche, seguidas de outras contribuições teóricas que ajudaram a pensar a questão da psicose. Tarelho escreve um primeiro capítulo sobre a teoria lacaniana da *forclusão* do Nome-do-Pai, perfeitamente compreensível para não-iniciados, mostrando que o maior interesse da noção de *forclusão* está em associá-la aos obstáculos criados ao processo de simbolização:

"Torna-se possível então ligar a impossibilidade de simbolização à existência de significantes que não se prestam a nenhuma substituição em função de condições inerentes aos próprios significantes" (p. 97).

Retoma então a posição lacaniana quanto à posição insustentável na qual se viu Schreber ao ser nomeado presidente do Supremo Tribunal: a falta de inscrição do Nome-do-

Pai tornava-o incapaz de responder à indicação para o lugar do patriarca e do chefe. Além, entretanto, da não inscrição de um significante tão fundamental, o autor acrescenta dados interessantes à análise. Por exemplo, o fato de os cinco juízes a quem devia presidir serem mais velhos e experientes que Schreber (vide p. 101) colocava-o em uma situação ambígua de ter que exercer o poder, curvando-se ao poder. Ele havia sido colocado diante de um empreendimento irrealizável, o que provavelmente mobilizou o sentimento de impotência e as situações de passividade mais radical já vividas na infância. Outro ponto das teses lacanianas considerado significativo foi a referência à não integração de nenhum aspecto da feminilidade em Schreber (vide p. 102 e 103). Podemos pensar então que este paciente foi submetido a um sistemático aprendizado de desvalorizar tudo que se relaciona ao feminino e ao mesmo tempo idealizar e cultivar a virilidade, de maneira que se tornou para ele impossível integrar qualquer característica feminina em sua personalidade. Ora, aquilo que foi brutalmente suprimido e que não pôde se tornar *traço feminino* em um homem, acaba retornando “pela porta dos fundos” com toda a virulência costumeira, empurrando Schreber, já que não podia ser o *falo* que faltava à mãe, para o destino de *ter que ser* a mulher que falta aos homens.

Ao discorrer sobre a teoria da sedução generalizada, Tarelho refaz o caminho teórico de Laplanche e aponta a importância deste para a discussão das psicoses. Dentro da mesma tradição, discute o trabalho de Sílvia Bleichmar, dando relevo a um aspecto que não se encontrava explicitado em Laplanche. Trata-se da idéia de

que na transmissão da sexualidade inconsciente dos pais, além dos aspectos mais desligados e desestruturadores, ocorre *também* a transmissão de elementos de ligação. Por outro lado, a intromissão de significantes parentais que originam os *enclaves psicóticos* pode ser articulada com as mensagens parentais que funcionam como veredictos, na constituição do superego arcaico. Laplanche associa *estas mensagens-veredicto* aos imperativos morais que possuem um caráter arbitrário e incongruente. Nesta linha de investigação, o autor comenta o instigante trabalho de Marta Rezende Cardoso² que explora a origem pulsional do superego. O superego, segundo ela, constitui o reservatório daquilo que há de mais estranho no psiquismo. Atribui ao *Ideal do Eu* aquilo que é da ordem da lei e da moral e, ao *Superego*, o que é da ordem da exigência radical, da injunção autoritária e paralisadora, da dimensão atacante (p. 135). A constituição do superego corresponderia então a um processo de intromissão.

Estas mensagens que funcionam como veredictos são fechadas às múltiplas interpretações, incapazes de evocar associações e ressonâncias de sentido. Endereçadas a um destinatário, deixam-no privado da possibilidade de dar sentido, traduzir ou transformar cada uma das mensagens. Nem sequer pode se apropriar delas para interpretá-las, mas é obrigado a ficar com a mensagem em sua literalidade, o que revela a relação de poder estabelecida entre o emissor e o destinatário.

Toda esta discussão que acompanha a teoria laplancheana desemboca em um dos capítulos mais interessantes do livro, no qual Tarelho aborda a teoria do duplo vínculo de Palo Alto (pesquisadores de uma

epistemologia da comunicação humana e uma nova abordagem das psicoses, esta última publicada desde 1956), mostrando como tal teoria pode ser incorporada pela psicanálise, tornando-se útil para pensar a intromissão de uma sexualidade intraduzível nos casos de paranóia. As mensagens que geram um duplo vínculo (ver p. 142) ocorrem em relações de grande dependência, em que uma das pessoas é confrontada com uma injunção e depois com uma outra, situada em um nível abstrato mais alto e em conflito com a primeira. Ambas as injunções são impostas à força. Uma terceira injunção, negativa, vem impedir que o sujeito saia desta situação, que lhe foi imposta. A ocorrência repetida destas mensagens paradoxais produz um efeito traumático que coloca o destinatário em uma posição insustentável: possuem um efeito paralisador do pensamento e da ação. Obrigado a obedecer a duas injunções inconciliáveis e sem poder escapar delas, o sujeito se afunda na confusão. O autor então apresentava os leitores com quatro longas resenhas do pensamento de psicanalistas que já se utilizaram da teoria do duplo vínculo para pensar a psicose. São Harold Searles, desde o seu clássico artigo “L'effort pour rendre l'autre fou” (1975), Didier Anzieu no artigo “Le transfert paradoxal, de la communication paradoxale à la réaction thérapeutique négative” (1975), Gui Rosolato no artigo “Le narcissisme” (1976) e Racamier em um texto “Entre humour et folie” de 1973.

A teoria do duplo vínculo articulada com a sedução generalizada e com o pensamento destes quatro psicanalistas é então utilizada para pensar o caso Schreber, permitindo, após uma série de análises interes-

santes, levantar novas questões como a que se segue:

“Estas considerações permitem sustentar a hipótese de que o originário na paranóia é o masoquismo e não a homossexualidade, como sustentou Freud, esta última sendo mais uma elaboração secundária da posição masoquista de base” (p. 162).

As últimas páginas deste capítulo incluem ainda várias reflexões inéditas a respeito de Jean-Jacques Rousseau, que nos últimos anos de sua vida sofreu uma descompensação delirante paranóica. Não se trata de criticar a obra do pensador, mas de examinar em que medida extrema a sexualidade era para ele um mal radical, representando então uma constante ameaça que precisava ser domesticada através de um pensamento totalitário.

A terceira e última parte do livro é dedicada a uma análise do caso Schreber a partir de alguns aspectos de seu delírio que deixam entrever, nos paradoxos do pensamento que Schreber atribui a seu Deus, as prováveis comunicações ambíguas e paradoxais a que o próprio paciente foi submetido pelos *deuses* de sua infância. A *volúpia da alma* que o paciente devia desenvolver aparece, no delírio, relacionada com a atração sexual e a beatitude, mas também com o submetimento a uma figura parental toda-poderosa que exige o aniquilamento do próprio Eu. O aspecto absolutizante e desestruturante da exigência paradoxal feita a Schreber por Deus, isto é, a de se manter sempre em um estado de intensa volúpia da alma, acompanha-se da exigência oposta de aniquilar-se e comportar-se como se fosse um cadáver. Isto leva o autor a se perguntar se:

“(...)o caráter paradoxal desta volúpia, (...), não estaria diretamente ligado ao despertar de uma sexualidade na infância que foi estimulada e combatida com a mesma intensidade e através dos mesmos métodos?” (p. 178)

Parece-me muito pertinente que, em sua análise, Tarelho não despreze a ênfase dada em outras interpretações ao desejo de Schreber de se transformar em mulher, mas nos faz ver em que medida extrema este seu desejo está infiltrado pela aspiração a submeter-se ao desejo de um outro, mais poderoso, e a de ocupar a posição masoquista.

"Manipulado e penetrado por todos os lados, não restava para este corpo senão a representação de um corpo orificial e marcado também por outros signos femininos (em seu caso os seios e também a doçura e a sensibilidade da pele)" (p. 180).

Se, admite o autor, por um lado o duplo vínculo exerce seus efeitos sobre a vida pulsional, é acima de tudo no âmbito do pensamento que os efeitos desastrosos do paradoxo poderão ser observados. Através de seu delírio, Schreber conta-nos ter ficado submetido não apenas à *maneira de gozar das almas*, mas também foi obrigado a se manter *pensando* em regime ininterrupto, a *tomar notas exaustivas* de seus pensamentos e a expressar seus *pensamentos em voz alta*: "Isto era a condição para que Deus não o considerasse um demente, o que leva a dizer que era preciso que se comportasse como um demente para não se tornar um deles" (p. 240). Estes três aspectos da ingerência de Deus na vida íntima de Schreber são então discutidos em detalhe pelo autor, tanto do ponto de vista da desmesura das exigências, quanto de seu caráter contraditório, que leva a paralisar o pensamento e a ação, lembrando o modo de ação do duplo vínculo. Além destes aspectos do delírio de Schreber, ele se referia sempre a uma tendência ao aparecimento de *eufemismos* na *língua fundamental*. A lí-

ngua fundamental era um alemão arcaico falado por Deus e que deveria ser aprendido por ele e por todas as almas que entrassem no processo de purificação. Os *eufemismos* eram inversões de sentido que obrigavam a chamar, por exemplo, de *recompensa* o castigo ou, de veneno, o alimento. Recorrendo ao pensamento de Piera Aulagnier, Tarelho percorre no delírio de Schreber estes *eufemismos*, mostrando seu caráter paradoxal e seu parentesco com o duplo vínculo e o gradual comprometimento da função de significação no paciente, em razão de práticas educativas que exigiam, por exemplo, chamar de *desprazer* o que causava *prazer*.

Em seu livro, e este é um de seus méritos, o autor se dedicou a pesquisar mais profundamente a gênese do adoecimento de Schreber a partir da análise de uma série de dados históricos de sua relação com o pai e a mãe, que não foram abordados no artigo de Freud. Ele levanta a hipótese de que o processo de sexualização "que é indispensável à constituição da vida psíquica da criança" (p. 237) se transforma em processo de *psicotização* sob o impacto de mensagens de duplo vínculo. Os próprios métodos utilizados pelo pai de Schreber para combater a sexualidade emergente e a insistência em exercer controle sobre a masturbação dos filhos acabava chamando mais a atenção deles para o prazer sexual, proibido, que acabava tendo que se transformar em um prazer masoquista, da mesma maneira que "através do culto exagerado da virilidade, ele (o pai de

Schreber) acabou por colocar Schreber em uma posição de passividade pulsional, com relação à qual a feminilidade se revelou uma metáfora muito eficaz durante sua doença" (p. 240).

O capítulo final do livro traz então uma série de análises extremamente interessantes que retomam as injunções do pai de Schreber e o papel da mãe em seu delírio, tanto do ponto de vista de suas pulsões orais inconscientes, quanto com relação ao fascínio e à persecutoriedade que o seio materno ocupa em sua dinâmica psíquica. O que chama mais a atenção do leitor, acostumado a refletir sobre o caso Schreber a partir do texto freudiano, é a riqueza de novos ângulos que vem iluminar a situação clínica, embora Tarelho não tenha a pretensão de fazer um levantamento exaustivo dos escritos pós-freudianos. Ele escolhe uma série de novos vértices que vão sendo muito bem costurados a seu eixo de análise, a teoria da sedução generalizada. Ainda neste último capítulo é digna de nota a presença de três obras de arte citadas por Schreber que são brevemente analisadas. O poema *O pescador*, de Goethe, tematiza a sedução que conduz à morte permitindo assim refletir sobre a presença da pulsão de morte e o aspecto aniquilador da sedução. O poema permite entrever, através da sereia, os aspectos femininos da sedução divina para Schreber. A ópera *Siegfried*, de Wagner, ajuda a compreender de modo dramático a exigência sentida por Schreber de se comportar (com relação a Deus) como se fosse um cadáver e o quadro *Liebsreigen* de Pradilla, que era para Schreber uma "figuração imagética" de sua relação com Deus e que nos permite ver, já que todas as figuras deste quadro são femininas, o retorno do feminino também na figura paterna.

Enfim, o estudo de Tarelho abre uma série de novas trilhas para pensar as questões suscitadas pela paranóia e pelas psicoses em geral, entre elas a trilha aberta por Jacques André, que busca pensar a relação entre o narcisismo e a feminilidade precoce. Aqui no Brasil, encontrei no livro *O problema da identificação em Freud a identificação feminina primária* de Paulo Carvalho Ribeiro³, um trabalho bastante interessante de exploração desta trilha.

Enfim, o livro é um convite ao aprofundamento de caminhos de investigação fecundos, como a já mencionada apropriação psicanalítica da teoria do duplo vínculo, e merece ser elogiado pela clareza da escrita no tratamento de temas tão complexos. Só podemos esperar que seja rapidamente traduzido e editado em português.

NOTAS

1. M. T. Melo Carvalho, *Paul Federn – une autre voie pour la théorie du moi*, Paris, PUF, 1996. Em português: M. T. Melo Carvalho, "Paul Federn no movimento psicanalítico: uma teoria do Eu que permaneceu ignorada", in *Cadernos de Psicanálise*, Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, vol. 15, nº 18, 1999, pp. 123-146.
2. M. Rezende Cardoso, *Surmoi et "Théorie de la séduction généralisée"*, tese defendida na Université Paris VII em 1995, orientada por Jean Laplanche. O leitor poderá encontrar dois artigos em português nos quais as principais posições da tese estão resumidas. São: "Superego, melancolia, identificação: algumas articulações" em *Cadernos de Psicanálise da SPCRJ* 1999, 15, 18, e "O Superego: em busca de uma nova abordagem" *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2000, III, 2.
3. *O problema da identificação em Freud – a identificação feminina primária*, São Paulo. Escuta, 2000

Elisa Maria de Ulhôa Cintra é psicanalista, Doutora em Psicologia, Professora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da PUC-SP.